

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

406. RECORDANDO HÉLIO LOBO

O interesse em reler o excelente livro que Hélio Lobo dedicou a seu pai, Fernando Lobo, propagandista da República na região do Sul de Minas, sugeriu-nos dedicar esta nota ao ilustre diplomata e historiador, nascido em Juiz de Fora em 1883, mas que pouco viveu em sua cidade natal, iniciando-se no Rio de Janeiro sua movimentada vida pública e cultural. Foi secretário da Presidência da República no quadriênio de Wenceslau Brás (1914-1918) e secretário da delegação brasileira à Conferência da Paz, em Versalhes (1919).

Ingressando na carreira diplomática, serviu ao Brasil como cônsul em Londres e em Nova York, e, depois, como ministro plenipotenciário no Uruguai e na Holanda. Neste país, encerrando sua carreira, teve um gesto que muito de perto toca a nós, paulistas: pôs-se delcaramamente a favor da Revolução Constitucionalista de 1932, recusando-se a visar papéis necessários ao embarque de armas adquiridas pelo governo de Vargas para combater a revolução paulista e que deveriam ser embarcadas num porto holandês. Isto custou-lhe a disponibilidade, o que o obrigou a voltar ao Brasil.

Ligou seu nome à historiografia brasileira com algumas obras importantes; além da já mencionada biografia do pai, publicada na preciosa e saudosa Coleção Brasiliana (vol. 88, de 1937), na mesma coleção publicaria dois anos depois “O Panamericanismo e o Brasil” (vol. 169).

Além desses dois livros, de interesse especial para a historiografia, muito escreveu sobre história diplomática, direito internacional, biografias e ainda um ensaio sobre o Canadá. Isto, sem falar no que publicou na imprensa periódica e em revistas jurídicas.

Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1918; ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Instituto Americano de Direito Internacional. Sempre interessado em questões americanas, realizou cursos e proferiu conferências nos Estados Unidos e em diversos países da América do Sul.

De seu livro mais conhecido, escrevemos de certa feita: “À margem da biografia do pai, Hélio Lobo esboçou uma importante contribuição para a história da propaganda e implantação do regime republicano em Minas Gerais”... E transcrevemos um depoimento do próprio autor: “Fernando Lobo aparece esquivo, quase anônimo, no fundo do quadro em que se desenvolvem os acontecimentos. E mais de acordo com o papel que desempenhou e mais em harmonia com o seu temperamento. Entretanto, figurou numa época incandescente, a que vai da proclamação da República em Minas à sua consolidação no Rio, sob Floriano”.
21-1-2003

407. UM GRANDE CIENTISTA POUCO LEMBRADO

Na extensa galeria de cientistas ou simplesmente viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil um dos nomes pouco lembrados é o norte-americano Herbert Smith (1855-1919), que em fins do século XIX integrou a Expedição Morgan, atuante na região amazônica e que em diversas outras ocasiões esteve no Brasil com assinalados serviços de pesquisa científica em várias regiões de nosso País.

No entanto - e isto parece-nos curioso - foi dos primeiros viajantes estrangeiros a serem traduzidos para a nossa língua. Com efeito, data de 1922 (mais de oitenta anos!) a publicação de seu livro “Do Rio de

Janeiro a Cuiabá”, traduzido por Capistrano de Abreu e constituído de matéria publicada originalmente na “Gazeta de Notícias”, do Rio de Janeiro de julho de 1886 a outubro do ano seguinte. A edição correu por conta da antiga Companhia Melhoramentos de São Paulo (atualmente Edições Melhoramentos) e, infelizmente, nunca mereceu reedição. Está hoje na categoria dos livros bastante raros.

Relata o livro a quinta e última viagem realizada pelo cientista americano em terras brasileiras, todas elas significativas não apenas do ponto de vista científico, mas igualmente sob o aspecto humano, o que sempre foi um dos traços bem característicos de sua obra, como bem observou Olivério Mário de Oliveira Pinto no tópico que lhe dedicou no volume quinto da “História Geral da Civilização Brasileira”, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda.

Na realidade, o texto de Smith não chega a abranger a capital matogrossense. “Éramos chegados a Cuiabá” é a frase que encerra o livro. Capistrano de Abreu completou o volume com vários anexos de diversos autores referentes a Cuiabá, inclusive um excelente capítulo de Carl von den Steinen.

Parece-nos significativo observar que a parte mais extensa do livro é a que se refere ao Rio Grande do Sul, onde o viajante e sua esposa permaneceram mais tempo, podendo-se incluir seus capítulos entre as melhores coisas sobre algumas regiões do estado sulino. Nada menos que 12 capítulos dos 27 que compõem o livro são dedicados ao Rio Grande do Sul, de interesse não apenas científico, mas também com informações sobre a vida econômica de quase metade do território sulino.

Herbert Smith não era um viajante frio que apenas soubesse ver o que lhe interessava cientificamente. O aspecto humano está sempre presente em seus escritos, o que já fora observado por Olivério Pinto no texto mencionado.

Como foi dito, esse percurso do Rio de Janeiro a Cuiabá e de lá por rios amazonenses retornando ao seu país, foi a última das viagens de Herbert Smith em nosso país. E, infelizmente, seu fim foi trágico. No dia 22 de março de 1919, já residindo novamente nos Estados Unidos, às sete horas da manhã, indo de sua casa em Tuscaloosa, Alabama, para o Museu da Universidade, tendo de atravessar o leito de uma ferrovia, foi apanhado

e morto por um trem de carga. Tendo já uma certa deficiência de audição, parece provável que não tenha percebido a aproximação do trem. 8-2-2003.

408. HALFELD, UM GRANDE GERMANO-MINEIRO

Quando, há cerca de setenta anos, pouco mais que um adolescente, passamos a residir na cidade mineira de Juiz de Fora, chamou-nos a atenção a freqüência do nome “Halfeld” na localidade. Sabíamos que era o sobrenome do fundador da cidade, mas... nada mais. Tudo na cidade o lembrava: a rua principal, bem como o jardim mais belo então existente traziam o seu nome; no belo parque central erguia-se o monumento em sua memória. Numerosas placas profissionais espalhadas pela cidade traziam também o seu nome, como resultado da enorme e ilustre família que ele constituira na cidade, resultante de dois casamentos em tradicionais famílias mineiras.

A região onde se encontra Juiz de Fora praticamente foi desbravada por ele, construtor das primeiras estradas, a começar por aquela que marcou, por assim dizer, a origem da cidade. Atualmente, a que era a estrada chamada simplesmente “Direita”, transformou-se numa grandiosa avenida (como poucas existem no Brasil) com mais de seis quilômetros de extensão, ligando Manuel Honório ao Alto dos Passos, nomes pelos quais são identificados atualmente as suas balisas.

Mas, esta fase juizforana de Halfeld já é o fim de sua longa existência. Antes, havia ele perlustrado quase toda a então província de Minas Gerais, abrindo estradas, sítios, contribuindo para a inserção de muitas das cidades de hoje no mapa de Minas Gerais. E principalmente, o vale do São Francisco, razão de sua vinda para o Brasil, contratado por D. Pedro II para o levantamento hidrográfico do grande rio. Isto justifica a inclusão de seu nome na história das explorações geográficas em nosso País. Razão de sobra teve, portanto, o saudoso geógrafo José Veríssimo da Costa Pereira incluindo seu nome no precioso levantamento por ele procedido dos “Vultos da Geografia do Brasil”.

Por sua vez, o também saudoso historiador de Juiz de Fora, Wilson de Lima Bastos, dedicou-lhe um livro com tudo o que se pode saber sobre o grande germano-mineiro. Inclusive com o levantamento completo

da genealogia de sua descendência. E Walter Fonseca (infelizmente, também saudoso...) ofereceu-nos em sua “Enciclopédia de Juiz de Fora” dados interessantes de sua biografia. Nascido em 1797, faleceu em 1873. Enviuvando-se de sua esposa alemã, contraíu mais duas vezes núpcias em famílias mineiras, ligando seu nome a uma infinidade de pessoas e de empreendimentos da cidade de que foi fundador.

Temos tido, ao longo destes anos, uma excelente vivência com a cidade de Juiz de Fora, tal a freqüência com que a visitamos, os amigos e colegas que nela residem, as passagens significativas de sua história, suas manifestações culturais de todas as modalidades que nela ocorrem. A beleza da rua Halfeld, com suas rodinhas, seus cafês, seu comércio de alto nível, suas mesinhas ao ar livre e, ao mesmo tempo, sua poderosa rede bancária, tudo isso nos sugere um clima por assim dizer “halfeldiano”. Já se chegou a dizer que a rua Halfeld é a via pública mais elegante do Brasil, podendo-se comparar ao que foi antigamente a rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Mas sempre entendemos que o nome de Halfeld, em vez de estar na rua em que está, embora seja esta a rua mais importante da cidade, teria um sentido mais histórico se figurasse na grande avenida (hoje denominada Barão do Rio Branco) que resultou da entrada que ele construiu... 1-3-2003

409. APELO AOS HISTORIADORES

O historiadores brasileiros demoraram muito para “descobrir” a República. E quando o fizeram nem sempre trataram dela com a atenção e o cuidado que permitissem a percepção do verdadeiro sentido do regime. No mais das vezes, o simples desfile cronológico dos quadriênios presidenciais, com informações úteis, sem dúvida, mas de pouco significado histórico.

Convencionou-se marcar a revolução de 1930 para assinalar o fim da “Primeira República” ou “República Velha”, como alguns preferiram denominá-la. E depois de 30 o panorama republicano tornou-se ainda mais complicado, sem a unidade e a continuidade que caracterizaram os quarenta anos da primeira fase, a ponto de não se saber como denominar os vários períodos pós-trinta.

Com todos os seus defeitos (e que foram muitos...) a chamada “Primeira República” preencheu o seu papel para a consolidação do sistema no Brasil, o que, infelizmente, não aconteceu após 1930. À unidade do primeiro período, seguiu-se, pode-se dizer, uma terrível falta de unidade que nos levaria a numerar nem sabemos quantas Repúblicas. Esta é uma dificuldade que, de início, assusta aos que desejarem estudar o período. O que seria a “Segunda República”, ou seja a que se definiu após o governo provisório de Vargas, nem chegou a completar seu quadriênio, pois o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 alterou substancialmente o sistema. E de então para cá? Quantos períodos tivemos que podem ser caracterizados, cada um, por uma República diferente, não só na aparência mas também na estrutura...

Essa situação desanimaria qualquer pesquisador. Mas não desanimou aquele que se tornou um dos maiores historiadores da República, e que, infelizmente, veio a falecer há pouco: o professor Edgard Carone. Seus diversos livros (alguns até tentando numerar as repúblicas...) têm um sentido que, em geral, passou despercebido aos que também se dispuseram a escrever sobre o período. O sentido de permanência das obras de Carone pode ser compreendido por uma simples frase de um dos que, há pouco, escreveram sobre ele: Carone “soube conciliar fatos e análise”. Seus muitos livros, sem desprezar os fatos (pois sem eles não há História) preocuparam-se sobretudo em tirar deles algo capaz de implicar em “características” do sistema.

E uma das características de seu trabalho, que o põe a salvo de críticas que lhe possam ser feitas, especialmente de ordem doutrinária, refere-se à preocupação de documentá-lo com precisas indicações de fontes, o que, realmente, não é tarefa fácil. Carone terminou sua obra em 1964. Ora, temos ainda quarenta anos que estão à espera de alguém que os estude, não simplesmente citando fatos, mas interpretando-os à base de uma historiografia mais condizente com os seus verdadeiros significados. Continua a República à espera de alguém que dela cuide com atenção, carinho e sobretudo a compreensão que ela exige. 15-3-2003